

# Banda Sinfónica Portuguesa

19 Mai 2019  
12:00 Sala Suggia

Douglas Bostock direcção musical

## “Novos Horizontes”

### Alan Hovhaness

Sinfonia n.º 53, *Star Dawn* (1983; c.13min)

1. *Maestoso sostenuto*
2. *Moderato sostenuto con molta espressione*

### Isao Matsushita

*Tenku-no Inori* (Oração do Firmamento) (2011; c.11min)

– in memoriam Isao Matsushita –

### David Bedford

*Sun Paints Rainbows on the Vast Waves* (1984; c.14min)

### Nigel Clarke

*Earthrise* (2010; c.16min)

## Alan Hovhaness

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1911-2000

### Sinfonia n.º 53, *Star Dawn*

Com origens arménias e escocesas, o compositor americano Alan Hovhaness foi um criador de tendências que absorveu uma variedade ecléctica de influências arcaicas e modernas do Oriente e do Ocidente. No centro da sua enorme produção está uma visão de “música para todos... bela e conciliadora” alimentada por um profundo e reverente amor pela natureza. Hovhaness escreveu um total de 67 sinfonias, algumas delas para orquestra de sopros. Foi um compositor muito gravado e apreciado nas décadas de 1950 e 60, tendo recebido vários prémios. Esteticamente à frente do seu tempo, a sua música regressou nos anos 90 com edições em CD e transmissões radiofónicas.

Hovhaness voltava-se para as culturas não ocidentais na procura de renovação criativa na música erudita. Além disso, foi um pioneiro da música textural quase aleatória, no início dos anos 40, uma técnica que se tornou conhecida como ‘ad libitum’ nos anos 60. A obra do compositor, com mais de 500 títulos, gerava debates acesos. Mas Hovhaness era um *outsider* por temperamento e opção, o seu credo artístico era de certa forma impermeável às modas e as suas intenções estéticas eram mais frequentemente alinhadas com o Oriente do que com o Ocidente.

A sinfonia para banda de sopros *Star Dawn*, com dois andamentos, foi composta em 1983 e o seu título provém de uma frase de Dante. Hovhaness deve ter lido Dante ainda muito jovem, porque a melodia solo do clarinete, no primeiro andamento, é retirada (nota a nota) de uma miniatura inédita para piano de 1933 intitulada ela própria *Star Dawn* – pelo que, 50 anos passados, o compositor devia ter a peça (ou o título) ainda na cabeça, ou então redescobriu acidentalmente o seu próprio manuscrito.

A obra evoca as viagens espaciais: os sinos simbolizam as estrelas, as melodias fluídas dão uma sensação de viagem e os corais representam a humanidade. O primeiro andamento descreve uma viagem desde a Terra, a segunda chegada da humanidade a um planeta distante. Contém uma passagem cromática de vibrafone digna de nota. Contudo, as credenciais ‘sinfónicas’ da obra são algo questionáveis, com um segundo andamento de apenas 4 minutos (o primeiro tem 9 minutos) – a obra tinha inicialmente três andamentos, mas um deles foi descartado.

## Isao Matsushita

JAPÃO, 1951-2018

### *Tenku-no Inori*

Isao Matsushita é um dos compositores japoneses mais importantes dos últimos quarenta anos, tendo escrito música na maior parte dos géneros. Era também uma personalidade de grande relevo no panorama musical do seu país, um grande professor e embaixador da música asiática. Grande amigo de Douglas Bostock, Matsushita faleceu repentina e inesperadamente a 16 de Setembro de 2018, em Tóquio. A respeito da sua “Oração do Firmamento”, escreveu:

“A língua japonesa tem uma afinidade particular por frases belas e a capacidade de exprimir uma pureza de pensamento nessas frases. ‘Hana wo mederu’ ou ‘admiração pela beleza das flores’, e ‘ko wo kiku’, ou ‘inala o incenso’ (literalmente, ‘ouve o incenso’) são dois exemplos. Quando penso na frase ‘mimi wo sumasu’, literalmente ‘purifica os ouvidos’, mas significando ‘ouve com atenção’, penso também em ‘purificar a mente para ouvir música’. Sinto grande alegria quando me recordo da generosa dádiva ao povo japonês de belas palavras, frases e sons. Várias décadas passaram desde que comecei a minha procura por sons que consigo ouvir na minha mente. Que sons são esses? Os tempos recentes têm sido árduos e dolorosos.

“Chegou então o dia 11 de Março de 2011, que nos ajudou a todos a perceber que as nossas existências como seres humanos são tão frágeis quando confrontadas com as forças elementares da natureza. O povo japonês sofreu muito com esta calamidade sem precedentes, teve muito medo, experimentou um sentido profundo de perda e ficou seco de energia. Contudo, os céus também nos deram o poder de encarar o nosso sofrimento. Ao ver as pessoas afectadas, senti-me impotente: a oração era o meu único recurso. Pessoas em sofrimento, a fragilidade das nossas vidas na sociedade moderna, como podem as artes ajudar, como posso eu ajudar... Muitas imagens e pensamentos tremulavam na minha mente.

“Depois de muito pensar, resolvi procurar novamente os sons, munido da crença de que apenas a cultura e a música podem dar energia forte e rica às mentes do povo. Aglomerei os meus pensamentos em cada uma das notas. Completei a *Oração do Firmamento* na altura em que começou a época das cerejeiras em flor.”

A estreia europeia da versão para orquestra sinfónica desta obra foi dirigida por Douglas Bostock com a Filarmónica de Argóvia, na Suíça, em 2011. No mesmo ano dirigiu a estreia mundial da versão para banda com a Orquestra de Sopros Ulm na Alemanha.

## David Bedford

REINO UNIDO, 1937-2011

### *Sun Paints Rainbows on the Vast Waves*

O título desta obra provém de um apontamento no bloco de notas de S. T. Coleridge no período em que o poeta inglês trabalhava em *The Rime of the Ancient Mariner* (O Conto do Velho Marinheiro), e refere-se a uma passagem que este tinha lido na revista científica *Philosophical Transactions of the Royal Society*. Era um texto de um Father Bourzes, e no parágrafo em causa lia-se: “I shall add on Observation more concerning *Marine Rainbows*, which I observed after a great Tempest off of the Cape of Good Hope. The Sea was then very much tossed, and the *Wind carrying off the Tops of the Waves made a kind of Rain*, in which *the Rays of the Sun painted the Colours of a Rainbow*” (itálicos e maiúsculas no original). Esta descrição evocativa foi o estímulo para a composição e influencia o sentimento e a atmosfera do seu mundo sonoro.

A concepção estrutural básica é baseada numa progressão de oito acordes ouvidos numa introdução lenta sobre uma nota pedal grave. Estes acordes são então tocados em pares com uma densidade crescente até um clímax de toda a banda apresentar a sequência completa de acordes juntamente com um fragmento melódico que se enquadra em cada par de acordes. Acordes anunciativos e uma repetição da introdução lenta ao dobro da velocidade conduzem a uma nova secção baseada no fragmento melódico e na sua inversão com o acompanhamento de semicolcheias rápidas. Regressam os acordes anunciativos, agora suaves e com um acompanhamento de percussão melódica. Segue-se uma secção lenta e estática com acordes em bloco e vagas reminiscências do material inicial, que conduz gradualmente a uma recapitulação variada e a uma Coda exultante.

Ao contrário de muitas peças para banda (partituras que estudei para preparar esta minha primeira composição para esta formação), a dobragem de notas é muito escassa. A banda é subdividida num conjunto de ensembles: piccolo e 2 flautas, clarinetes

graves, 3 cornetas e 3 trompetes formam 4 trios; 2 oboés, corne inglês e fagote, clarinetes agudos, 4 saxofones e 4 trompas formam 4 quartetos; 3 trombones, eufónio e tuba formam um quinteto; cada percussionista é em geral agregado temporariamente a um destes ensembles. Na Coda, a banda é dividida em 3 grupos ritmicamente independentes. Cada percussionista tem um tamborim. Enquanto um deles mantém um batimento de referência estável, cada um dos outros três está agregado a um dos grupos da banda, o que resulta num final em ritmo caleidoscópico.

## Nigel Clarke

REINO UNIDO, 1960

### *Earthrise*

*Earthrise* é uma obra num andamento contínuo mas dividida em três secções: rápido-lento-rápido. Procurei captar o entusiasmo e a expectativa que a missão Apollo 8 trouxe ao mundo. Isto reflecte-se no virtuosismo extremo que é exigido aos intérpretes. Nos compassos iniciais, o meu objectivo foi fazer um retrato musical que reflectisse a descrição dada pela escritora e aviadora Anne Morrow Lindbergh, quando testemunhou o lançamento do foguetão a 21 de Dezembro de 1968, na Flórida:

“Lentamente, como num sonho, lentamente pareceu ficar suspenso numa nuvem de fogo e fumo.” Seguiu-se então o ruído, “um rugido tremendo de explosões, um martinete sobre as cabeças, sob os pés, através dos corpos. A Terra treme, os carros chocam, as vibrações batem no peito. Um ribombar de trovão prolongava, prolongava, prolongava.”

Depois da secção inicial emulei a velocidade e o poder do rocket Saturn V da Apollo 8, ao usar a força gravitacional da Terra para a catapultar em direcção à Lua. Antes da secção central de *Earthrise* encontra-se uma cadência de várias camadas e em grande escala que passa pela maior parte dos instrumentos da banda em compassos flutuantes de tempo livre, retratando os astronautas flutuando no lado oculto da Lua. A cadência funciona como prelúdio para o momento em que a Terra aparece no campo de visão como o único objecto colorido no nosso universo monocromático. A secção final da obra pinta uma imagem da Apollo 8 precipitando-se para a Terra a uns incríveis 40.000 Km/h na sua viagem de 384 mil quilómetros para terminar num mergulho no Pacífico.

## Douglas Bostock direcção musical

O maestro britânico Douglas Bostock é Director Musical da Filarmónica de Argóvia na Suíça, desde 2001, e é Director Musical do Festival de Ópera de Hallwyl na Suíça, desde 2003. Trabalhou com a Sinfónica Karlovy Vary (Maestro Titular), a Sinfónica de Munique (Maestro Convidado Principal), a Filarmónica de Câmara Checa (Maestro Convidado Principal), a Filarmónica do Sudoeste da Alemanha (Maestro Convidado Regular) e a Orquestra de Sopros Kosei de Tóquio (Maestro Titular e Maestro Convidado Principal). Dirigiu algumas das principais orquestras da Europa, da América do Norte e da Ásia, incluindo a Filarmónica de Londres, as Orquestras da BBC, a Royal Philharmonic, a Nova Filarmónica do Japão, a National Chamber Orchestra, a Sinfónica da Rádio de Praga, as Sinfónicas de Praga, Aarhus, Quioto, Sapporo, Kansas e Cidade do México e a Filarmónica de Calgary.

Apresenta-se nas salas mais importantes do mundo e em prestigiados festivais, destacando-se os BBC Proms, as Konzerthaus de Viena e Berlim, o Suntory Hall, o Royal Festival Hall, a Tonhalle de Zurique, o Festival de Primavera de Praga, a Herkulessaal de Munique, a Gewandhaus de Leipzig e o Festival de Ravinia.

Douglas Bostock gravou cerca de 100 CD, reflectindo o seu domínio de música em todos os estilos e incluindo muitas obras menos conhecidas ou nunca antes gravadas. Os ciclos com a integral da música orquestral de Carl Nielsen, as sinfonias de Robert Schumann e *The British Symphonic Collection* conquistaram a aclamação internacional.

Douglas Bostock é também um prestigiado professor de direcção. É Professor Convidado nas faculdades de direcção e de ópera da Universidade das Artes de Tóquio, com a qual mantém uma longa relação. As masterclasses de direcção que orienta em vários países são muito populares. Além disso trabalha regularmente com jovens músicos, sendo frequentemente convidado de vários conservatórios europeus e asiáticos, e Professor Visitante na Escola Superior de Música Senzoku Gakuen, no Japão.

## Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação no dia 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli – Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto e mais tarde da PortoLazer na divulgação e expansão do seu projecto. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico com Quinta do Bill* (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016) e *The Ghost Ship* (2017).

A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução de mais de 30 obras em primeira audição. Possibilitou, na maior parte dos seus concertos,

a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, destacando-se nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Jean-Yves Fourmeau, Vicente Alberola, Pierre Dutôt, Vincent David, Vicente Alberola e Horácio Ferreira, entre outros. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de vários coros do Grande Porto e com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, etc.

Os objectivos da BSP passam também pela iniciativa pedagógica de levar a cabo masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção de Banda (contando já 21 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree e Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha) e Eugene Corporon (EUA).

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, Douglas Bostock, José Rafael Vilaplana (Maestro Principal Convidado da BSP), Alex Schillings, Rafa Agulló Albors, Henrie Adams e Eugene Corporon dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Foi dirigida também por maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, Avelino Ramos, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares e João Paulo Fernandes.

Realizou concertos nos principais teatros de norte a sul do país, bem como em igrejas e no Santuário de Fátima. Em Espanha tocou no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria e Lleganés, e participou nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces.

Obteve o 1º Prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1ª secção, e igualmente o 1º Prémio na categoria superior (Concert Division) do 60º aniversário do World Music Contest em Kerkrade (Holanda, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Em 2014 realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaxing. Participou em Julho de 2017 no 18º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht (Holanda), na qualidade de orquestra de referência do panorama internacional. Em Novembro deste ano realiza uma digressão às Canárias.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma Associação cultural sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

**Flautas**

Beatriz Baião  
Daniela Anjo  
Joana Fernandes (flauta e piccolo)  
Mariana Portovedo (piccolo)

**Oboés**

Telma Mota  
Juliana Félix  
Fernanda Amorim (corne inglês)

**Fagotes**

Pedro Rodrigues  
Adriana Gonçalves  
Luís António Rocha (contrafagote)

**Clarinetes**

Horácio Ferreira  
Sara Costa  
Rita Petiz  
Nuno Sousa  
João Ramos  
Luísa Marques  
Rui Lopes  
Alcina Azevedo  
André Silva  
Pedro Ramos  
Hélder Tavares  
Bruno Silva  
Filipe Pereira (requinta)  
Mário Apolinário (cl. alto)  
Hugo Folgar (cl. baixo)  
Edgar Silva (cl. baixo e contra baixo)

**Saxofones****– Alto**

Gilberto Bernardes  
José Pedro Gonçalves

**– Tenor**

Isabel Anjo  
Jorge Sousa

**– Barítono**

Marcelo Marques

**Trompas**

Nelson Silva  
Pedro Pereira Fernandes  
Hélder Vales  
Hugo Sousa  
Nuno Silva

**Trompetes**

Telmo Barbosa  
Tiago Ferreira  
Carlos Martinho  
Pedro Celestino  
Sérgio Leite  
A. Francisco Ferreira

**Trombones**

Tiago Nunes  
Fábio Moreira  
Joaquim Oliveira  
Miguel Barros

**Eufónios**

Nuno Costa  
Luís Gomes

**Tubas**

Jorge Fernandes  
Fábio Rodrigues  
Daniel Afonso

**Percussão**

Jorge Lima (tímpanos)  
André Dias  
Pedro Góis  
Tomás Rosa  
Paulo Mota  
Jonathan Silva

**Contra baixo**

Cláudia Carneiro

**Piano/Celesta**

Ana Raquel Cunha

**Harpa**

Erica Versace